

MUDANÇA SINTÁTICA¹

Anthony Kroch

University of Pennsylvania

1 Introdução

Ao longo da história, as línguas mudam em todos os níveis da sua estrutura: vocabulário, fonologia, morfologia e sintaxe². Como e porque tal mudança ocorre constituem as questões-chave levantadas pela disciplina de linguística histórica. Sob a perspectiva da gramática gerativa atual, a mudança linguística é estreitamente condicionada pelo requerimento de que todas as línguas se adaptam a especificações da faculdade humana da linguagem; mas o fato de que a língua muda, assim como o fato bruto da diversidade estrutural das línguas do mundo, marca um limite para a especificação biológica da linguagem. A maior questão aberta da linguística teórica talvez seja quão extenso é o leque de variação biológica; mas, seja esse leque de variação qual for, ele é o campo onde os desenvolvimentos históricos ocorrem. A necessidade de uma GU ricamente especificada segue do problema lógico da aquisição da linguagem, de modo que o linguista sincrônico considere como análises candidatas somente aquelas que são aprendíveis e formuladas em teorias que especifiquem claramente o que existe para ser aprendido e o que está construído internamente. O estudo contemporâneo da mudança sintática, o assunto deste artigo³, é geralmente formulado em termos do processo de aquisição; entretanto, como

¹ Esse artigo foi publicado originalmente em Anthony Kroch (2001), "Syntactic Change". In: Mark Baltin e Chris Collins (Ed.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Blackwell. A presente tradução foi feita por Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ) e revisada por Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado.

² A maior parte do que sei sobre sintaxe diacrônica, aprendi durante anos de discussão com meus colaboradores e colegas de área. Por esse constante diálogo, agradeço primeiramente a meus alunos e colaboradores, especialmente Susan Pintzuk, Beatrice Santorini e Ann Taylor, minha colaboradora no Corpus Anotado do Inglês Médio Penn-Helsinki (*Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English*). Agradeço também a muitos outros colegas: Robin Clark, Antônio e Charlotte Galves, Ans van Kemenade, Paul Kiparsky, David Lightfoot, Donald Ringe, Ian Roberts e Anthony Warner. Mencionei alguns apenas, mas há muitos outros. Finalmente, gostaria de agradecer a Gene Buckley, Caroline Heycock e Beatrice Santorini pelas suas leituras atentas a uma versão anterior desse artigo. As sugestões recebidas aprimoram muito esse texto, ainda que haja, sem dúvidas, inúmeras fraquezas remanescentes, que são de minha inteira responsabilidade.

³ O campo da sintaxe histórica pode ser dividido em duas áreas: o estudo das gramáticas de línguas do passado e o estudo das mudanças nas gramáticas atestadas nos registros históricos. A primeira subárea é melhor considerada como um ramo da sintaxe comparativa que visa reconstruir, através de evidências em textos, as gramáticas de línguas sem falantes nativos vivos. A segunda subárea estuda o problema da instabilidade diacrônica da sintaxe e da transição entre gramáticas. Essas duas áreas não podem ser separadas totalmente na prática, uma vez que o estudo da transição entre gramáticas implica conhecimento dos estágios inicial e final. Ainda assim, o aspecto diacrônico da sintaxe histórica é o de maior interesse para a linguística como um todo, já que é nesse domínio que a sintaxe histórica contribui com algo não disponível no estudo sincrônico das línguas existentes. Por essa razão, nesse artigo, escolhemos focalizar aqui o aspecto diacrônico da sintaxe histórica.

poderá ser visto, o estudo da diacronia adiciona complexidades da sua própria natureza.

A mudança linguística é por definição uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo. Tais falhas, em princípio, podem ocorrer entre grupos de falantes nativos adultos, que, por alguma razão, substituem um traço por outro no uso da língua, como acontece quando novas palavras são cunhadas e substituem velhas; porém, no caso de traços sintáticos e gramaticais, tal inovação por adultos monolíngues quase não é atestada. Ao invés disso, as falhas na transmissão parecem ocorrer ao longo do processo de aquisição da linguagem; isto é, elas são falhas no aprendizado. Uma vez que, numa instância de mudança sintática, o traço que as crianças falham em adquirir é aprendível em princípio, tendo sido parte da gramática da língua num passado imediato, a causa da falha deve recair em alguma mudança, talvez sutil, no tipo de evidência disponível para a criança ou em alguma diferença, por exemplo, na sua idade durante o processo de aquisição, como no caso da mudança induzida através da aquisição de segunda língua por adultos em situação de contato linguístico. O nosso entendimento de falha na transmissão é muito limitado, porque a nossa compreensão da relação entre a evidência apresentada ao aprendiz e a gramática adquirida é ainda imprecisa. Os estudos de aquisição da linguagem geralmente tomam por certo que a evidência a que o aprendiz é exposta é suficiente para garantir uma aprendizagem precisa por parte de um aprendiz competente; isto é, uma criança na sua idade crítica. Essa suposição é perfeitamente razoável sob circunstâncias normais, mas a mudança linguística mostra que há limites para sua validade. Entretanto, não sabemos quais são esses limites e, além disso, não é claro como encontrá-los, uma vez que manipular experimentalmente a evidência apresentada aos aprendizes não é prático ou ético. Nesse contexto, os casos de mudança documentados têm se mostrado interessantes enquanto experimentos naturais sobre a transmissão linguística. A interpretação desses experimentos é, contudo, extremamente difícil devido às limitações da evidência preservada em termos quantitativo e sociolinguísticos e à falta de informantes falantes nativos. Não é surpreendente, pois, a dificuldade em obter resultados conclusivos e, nas próximas páginas, nós necessariamente estaremos descrevendo tanto, ou mais, as questões abertas e a agenda de pesquisa de sintaxe diacrônica quanto seus resultados consolidados.

2 Mudança e Estabilidade

No nível da sintaxe, o quanto as línguas mudam durante um certo período de tempo varia tremendamente, tanto de língua para língua quanto dentro da história de uma mesma língua. Se, por exemplo, compararmos a sintaxe do Inglês a do Japonês do perí-

do medieval até o momento atual, veremos que o Inglês mudou enormemente enquanto o Japonês mudou quase nada. O Inglês passou por três grandes mudanças na ordem das palavras: no nível da sentença, mudou de uma ordem de Infl-final para Infl-medial e de uma ordem V2 para SV; e no nível do sintagma verbal, mudou de uma ordem OV para uma VO. O Japonês, por outro lado, permaneceu núcleo-final em todos os níveis de estrutura. A existência de línguas cuja sintaxe tem sido estável durante muitos séculos levanta dúvidas a respeito da aceitabilidade de teorias de mudança que atribuem à sintaxe qualquer instabilidade inerente, e os linguistas diferem entre si a respeito da existência dessa instabilidade. Ao mesmo tempo, a mudança sintática é um fenômeno comum e pode ocorrer na aparente falta de qualquer fator desencadeador externo. O verbo *do* no Inglês, por exemplo, parece ter se desenvolvido espontaneamente como um verbo auxiliar a partir de um de seus sentidos como verbo principal em algum ponto do Inglês Médio (N.T. *Middle English*, c1150-1500.) O problema de por que a mudança ocorre, quando e onde é denominado por Weinreich, Labov e Herzog (1968), em seu trabalho seminal, como o problema da “implementação”; e ele é, para todos os níveis de estrutura, incluindo a sintaxe, o maior mistério na diacronia. A questão central aqui é se as línguas são estáveis ou instáveis por natureza; isto é, deixando de lado os efeitos do contato linguístico e outras formas de mudança social, deveríamos esperar que as línguas manifestem mudança ou estabilidade? Não sabemos a resposta para essa pergunta. É importante reconhecer, ainda, que a resposta pode ser diferente para níveis diferentes da estrutura linguística. Por exemplo, mudanças na pronúncia podem surgir espontaneamente de variações fonéticas bem conhecidas na fala, enquanto mudanças internas em níveis mais altos da estrutura podem ser raras ou não-existentes.

Dada a centralidade do processo imperfeito de aquisição da linguagem para a implementação da mudança, somos forçados, ao pensar em termos de diacronia, a ir além da idealização gerativista usual de aquisição instantânea por um aprendiz ideal. Sob a idealização usual, afinal, se temos uma comunidade de fala na qual todos os membros adultos aprenderam uma gramática G para uma língua L e essa situação se mantém estável por pelo menos uma geração, a língua nunca pode mudar, porque uma criança que nasceu em tal comunidade deve também aprender essa gramática G. Caso contrário, como os pais dessa criança conseguiram aprender G, dado que, por hipótese, eles foram expostos a L? Em outras palavras, parece não haver lugar para mudança linguística endógena, um ponto que tem sido reconhecido por teóricos gerativistas recentemente (LIGHTFOOT 1991, 1999; CLARK; ROBERTS 1993). É claro que, se as condições de transmissão linguística

são alteradas, por exemplo, através do contato com outra comunidade de fala, então a mudança pode, sim, ocorrer, já que a experiência linguística das crianças da comunidade pode, provavelmente, mudar. Uma vez que a mudança linguística é onipresente, o modelo usual parece ser excessivamente simples em algum aspecto crucial; e os linguistas têm proposto muitas complicações para explicar mudanças endógenas. Para a sintaxe, a proposta mais óbvia é a de que a mudança em outros níveis de estrutura, como quer que tenha sido causada, provoca uma reanálise gramatical. Por exemplo, a perda da distinção morfológica no sistema de casos devido a um enfraquecimento fonológico no fim das palavras é geralmente pensada a levar a uma rigidez na ordem das palavras para compensar a crescente ambiguidade induzida pela perda de casos. Assim, Holandês e Alemão diferem entre si na rigidez da ordem de constituintes pré-verbais no modo esperado: o Holandês perdeu suas terminações de Caso e tem praticamente uma ordem fixa de palavras no sintagma verbal enquanto o Alemão, que manteve um sistema de quatro Casos distintos do Germânico Inicial (N.T. *Early Germanic*), permite reordenamento bastante livre dos constituintes do sintagma verbal. Similarmente, quando comparamos o Latim com as línguas Românicas, veremos que a ordem das palavras se tornou em muitos aspectos mais rígida, concomitantemente com a perda dos casos morfológicos⁴. Existe um entendimento, no entanto, para o qual as mudanças sintáticas induzidas por mudanças morfo-fonológicas anteriores não sejam causadas endogenamente. Com exceção da questão sobre o que tenha desencadeado as mudanças morfo-fonológicas, tais mudanças não requerem que seja postulada qualquer instabilidade ou tendência inerente em direção à mudança dentro do módulo sintático da Gramática Universal ou das gramáticas de línguas particulares. Ao invés disso, as mudanças morfo-fonológicas induzem a mudança sintática simplesmente pela alteração da evidência disponível para o aprendiz.

Aqueles que acreditam na mudança sintática endógena têm postulado mecanismos diferentes que introduzem instabilidade de uma ou outra forma na aquisição da sintaxe por si só. Uma proposta gerativa anterior que cria espaço para tal mudança sintática é a de Andersen (1973), que sugere que a criança, quando exposta aos dados linguísticos do seu meio, pode levantar hipóteses para uma gramática diferente daquela dos falantes de onde

⁴ Como apontou Kiparsky (1996), o sistema rico de marcação de Caso parece ser uma condição necessária mas não suficiente para ordem livre de palavras. O Islandês, por exemplo, tem pelo menos um sistema de caso tão rico quanto o Alemão, mas uma ordem SVO bastante rígida. A direção única da implicação sugere que a conexão entre marcação de caso e ordem de palavras seja indireta. Os parâmetros sintáticos responsáveis pelo grau de flexibilidade na ordem de palavras não precisam estar relacionados diretamente à morfologia. Ao invés disso, os falantes das línguas de certo tipo de ordem flexível de palavras que perdem sua marcação de Caso podem restringir-se a uma ordem fixa no seu uso da língua para evitar desentendimentos. Dessa forma, os falantes não ouviriam uma variação na ordem de palavras suficiente para concluir que a língua permite ordem livre.

seu *input* vem. Se a nova gramática difere levemente no seu *output* da gramática original, o aprendiz pode não notar a diferença e então não corrigir o seu erro. Em outras palavras, a criança tem acesso direto somente aos dados do uso da língua, e não à(s) gramática(s) que os falantes usam pra gerar aqueles dados; e o processo de inferência através do qual a criança tira as conclusões dos dados está sujeito a erros. Não há dúvida de que a transmissão linguística às vezes é imperfeita; e o caso de adultos aprendendo uma segunda língua é o mais claro caso de disso. Mas a possibilidade abstrata de transmissão imperfeita nos mostra pouco sobre o que muda ou o quanto de mudança se deve esperar, porque não sabemos quão precisamente as crianças adquirem as gramáticas daqueles à sua volta ou quais erros elas tipicamente podem cometer e não corrigir com o desenvolvimento da aquisição. De fato, a estabilidade de muitas línguas no decurso de longos períodos de tempo, mesmo considerando pequenos detalhes, sugere que a aquisição da linguagem corriqueira não pode ser muito imprecisa no geral. Além disso, mesmo se fosse o caso, algum fator ou fatores deveriam imputar uma direção para suas imperfeições ou para o seu espalhamento pela comunidade de fala a fim de levar a uma mudança linguística observável. Ainda, desde o artigo de Andersen, a teoria gerativa mudou na direção de uma teoria da Gramática Universal muito mais específica, o que parece deixar menos espaço para aquisições imperfeitas, já que menos é aprendido.

Lightfoot (1991, 1999) propõe uma abordagem um tanto diferente para a relação entre aquisição e mudança. Ele argumenta contundentemente contra a noção de tendências em direção à mudança inerente à sintaxe e contra a possibilidade de uma teoria de mudança que explicaria tais tendências. Segundo Lightfoot, as gramáticas mudam quando há uma mudança suficiente nos dados usados pelo aprendiz para estabelecer os parâmetros gramaticais. De outro modo, elas são transmitidas de maneira estável. Sua visão descarta a mudança endógena na sintaxe, mas isso o deixa com um problema em como dar conta de mudanças que não são derivadas de fontes externas como o contato linguístico ou mudanças na fonologia/morfologia. Pode-se assumir que não existam tais mudanças; certamente, o caso para elas pode ser questionado. Mas Lightfoot deixa espaço para a possibilidade de que as línguas possam mudar na ausência de uma mudança gramatical através de desvios nas frequências de uso dos vários tipos de sentenças. Em algum momento, essa distorção de frequências se torna tão acentuada que os aprendizes não são expostos de forma suficiente a dados cruciais e assim adquirem uma gramática diferente daquela de gerações anteriores. A proposta de Lightfoot não depende de uma aquisição errônea, mas ainda depende de um postulado frágil; qual seja, a existência de

desvios no uso consistentes direcionalmente durante longos períodos de tempo que não estejam ligados à mudança gramatical. A evidência pra tais desvios é, pelo menos, incerta. Os casos melhor estudados de desvios sintáticos de longo tempo são plausivelmente casos de competição de gramáticas (ou seja, diglossia sintática) nos quais as formas em competição podem se diferenciar no registro social, com uma variante vernácula lentamente guiando uma variante escrita conservadora fora de uso (veja abaixo). Quando tal processo não ocorre, há evidência de que as frequências de uso permaneçam estáveis ao longo de grandes períodos de tempo. Assim, uma explicação comum proferida para a mudança de uma ordem V-final para V-medial na história do Inglês é um aumento gradual na frequência da extraposição à direita de complementos e adjuntos (AITCHISON 1979; STOCKWELL 1977)⁵. Não existe, entretanto, nenhum estudo quantitativo preciso da extraposição no Inglês a partir de uma perspectiva diacrônica que leve em consideração o que é atualmente sabido sobre a sintaxe da língua, então essa hipótese permanece como uma especulação. Além disso, há um estudo quantitativo desse tipo para o Ídiche, que passou por uma evolução similar à do Inglês (SANTORINI, 1993); e, apesar de a amostra de Santorini ser muito pequena para permitir uma certeza absoluta sobre o assunto, seus números indicam que a frequência total de extraposição, ainda que de varie consideravelmente de texto pra texto, nem aumenta nem diminui ao longo dos cinco séculos cobertos na sua amostra.

Outro exemplo de estabilidade no uso onde se poderia esperar mudança é a colocação de advérbios em Inglês. Abaixo, vamos discutir a perda do movimento do verbo para flexão (V-para-I) no Inglês Médio Tardio (N.T. *Late Middle English*, c1420-1500.), cuja evidência é uma mudança na aparente colocação de advérbios pré-verbais. A posição canônica de tais advérbios no Inglês Moderno é entre o verbo auxiliar e o verbo principal nas sentenças em que ambos estão presentes, como em (1):

- (1) Mary has always preferred lemons to limes.
Mary tem sempre preferido limas a limões
“Mary sempre preferiu limas a limões.”

Nas sentenças finitas, o advérbio aparece depois do verbo flexionado quando este é um auxiliar, e antes dele, quando esse é um verbo principal, como ilustrado em (2):

⁵ Veja também Vincent (1976) para uma aplicação dessa ideia para a mudança de SOV para SVO na história das línguas Românicas.

- (2) a. Lemons are always preferred to limes.
“Limas são sempre preferidas a limões”
b. Mary always prefers lemons to limes.
“Mary sempre prefere limas a limões.”

Como se sabe bem, o advérbio no Inglês Médio ocupava uma posição diferente sentenças como (2b). Ao invés de aparecer antes do verbo, o advérbio aparecia imediatamente na posição pós-verbal (3):

- (3) Quene Ester looked never with swich an eye.
rainha Ester olhou nunca com tal um olho
“A rainha Ester nunca olhou com tal olho.”

(KROCH, 1989b)

A diferença entre a ordem em (2b) e (3) é usualmente atribuída à perda, no Inglês Moderno Inicial (N.T. *Early Modern English*, c1500-1710.), do movimento do verbo para um núcleo funcional, INFL, que carrega a informação de tempo e concordância⁶. No Inglês Médio, como no Francês Moderno e muitas outras línguas Europeias modernas, o movimento do verbo, que serve para licenciar os traços de tempo e concordância, é visível na superfície, no caso em discussão através da mudança na posição relativa do verbo principal e do advérbio em (3) com relação a (2a). No Inglês Moderno (N.T. *Modern English*, c1750.), ao contrário, esse movimento aberto foi substituído, para os verbos principais e não para os auxiliares, por um movimento coberto gramaticalmente equivalente. Menos discutida do que os exemplos acima é a possibilidade de colocação do advérbio em (4):

- (4) Mary has always preferred lemons to limes.
Mary tem sempre preferido limas a limões
“A Maria sempre preferiu limas a limões”.

A ordem de palavras aqui é menos comum do que a em (1), mas é gramatical e ocorre como um padrão regular minoritário nos textos tanto do Inglês Moderno quanto do Médio. É notável que a gramaticalidade de (4) implica que (2b) seja estruturalmente ambígua no Inglês Moderno, mas não no Inglês Médio. Pelo fato de (2b) conter somente

⁶ Para facilitar a exposição, assumimos a estrutura frasal de *Barriers* (CHOMSKY, 1986), com somente dois núcleos funcionais no nível sentencial: I(NFL) e C(OMP).

um verbo e porque esse verbo não se move no Inglês Moderno, não podemos distinguir se o advérbio está numa posição pré-INFL ou na posição entre INFL e o verbo principal. Essas duas possibilidades estão representadas em (5) a seguir:

- (5) a. [_{IP} Mary always [_I 0] [_{VP} prefers lemons to limes]]
b. [_{IP} Mary [_I 0] always [_{VP} prefers lemons to limes]]

No Inglês Médio, o verbo sempre se move pra INFL, de modo que a ordem de palavras em (2b) implica numa posição pré-INFL para o advérbio; ou seja, a análise em (6):

- (6) [_{IP} Mary always [_I prefers_i] [_{VP} t_i lemons to limes]]

Dada essa situação, deveríamos esperar o seguinte cenário diacrônico no Inglês Moderno Inicial: a perda gradual do movimento de V-para-I aumentou a frequência de exemplos como (2b); e, já que esses exemplos eram ambíguos, os falantes concluíram que, junto da perda do movimento de V-para-I para os verbos principais, a posição pré-INFL para os advérbios estava se tornando mais frequente. Isso iria, então, ocasionar um aumento na frequência de exemplos como (4), onde a posição pré-INFL do advérbio é visível. Entretanto, esse aumento não ocorre. Pelo contrário, as estimativas das frequências de tais exemplos baseadas em corpus não mostram mudança alguma entre o Inglês Médio tardio e o atual. Isso permanece constante entre 15%, com pouca variação entre uma amostra e outra (KROCH, 1989b). Aparentemente, mesmo quando as frequências superficiais estão mudando, os falantes são capazes de associar corretamente tais mudanças com sua causa gramatical subjacente, e eles não alteram a taxa de uso de outras estruturas que tenham a mesma sequência de palavras mas que sejam estruturalmente diferentes daquelas que passam pela mudança.

Apesar de não resolverem a questão, os casos que apresentamos deixam uma dúvida considerável na ideia de que as frequências de uso de opções sintáticas não relacionadas com uma mudança gramatical em curso sofrem um desvio da maneira como Lightfoot sugere. Mas antes de deixarmos essa questão, devemos considerar outro caso, em que Lightfoot e outros documentaram uma incontestável evolução histórica de longo prazo que pode ser considerada uma instância de desvio. É o caso dos modais em Inglês, que começaram como verbos predicadores usuais no Inglês Antigo (N.T. *Old English* ca. 600-1011) e através dos séculos passaram para uma classe especial de palavras que se dife-

rem por suas propriedades sintáticas, crucialmente na impossibilidade de ocorrerem em contextos não finitos (LIGHTFOOT, 1979; PLANCK, 1984; WARNER, 1983, 1993). Nesse caso, a evolução desses verbos é complexa e envolve diversas mudanças gramaticais distintas. Primeiramente, os modais se tornaram únicos entre os verbos em não apresentarem a flexão de terceira pessoa do singular (-s no Inglês Moderno). Isso ocorreu porque eles pertenciam a uma classe morfológica em Germânico de verbos “presente-pretérito”, cujo tempo presente é historicamente uma forma do passado. No Inglês Antigo, havia muitos verbos não modais nessa classe, mas todos desapareceram da língua no início do Inglês Médio. Uma consequência desse desenvolvimento foi que, assim como a segunda pessoa singular *thou* com sua correspondente flexão verbal *-st* foi substituída por *you* mais uma flexão zero no Inglês Moderno Inicial, os modais se tornaram únicos entre os verbos em não terem flexão alguma. Em segundo lugar, os verbos modais geralmente resistiram a co-ocorrerem com a marca de infinitivo *to* enquanto ela se espalhava pela maioria dos outros verbos do Inglês Médio. Em terceiro lugar, as formas de tempo passado dos modais (*might, could, would*, e assim por diante) pararam de sinalizar tempo passado ao longo do Inglês Médio e se tornaram indicadores de modo subjuntivo ou condicional, enquanto a marcação morfológica de modo nos verbos em Inglês desaparecia no uso. Finalmente, os modais perderam a habilidade de selecionar objetos diretos NP, o último sinal claro de que eles eram verbos usuais. Lightfoot (1979) argumenta que, uma vez que essa última mudança ocorreu, os aprendizes não tinham mais evidência suficiente para categorizar os modais como verbos e, ao invés disso, lhe atribuíram uma classe separada, que poderia ocorrer somente sob INFL. Nesse ponto, eles se tornaram restritos à posição de auxiliar flexionado. Não há dúvida alguma de que esse desvio descrito por Lightfoot seja real, mas sua significância como um paradigma para evolução diacrônica é duvidosa. Warner (1983) mostrou que o que Lightfoot considera o sinal para a reanálise dos modais, i.e., seu desaparecimento em meados do século XVI em contextos não finitos, ocorre, na verdade, simultaneamente a uma das mudanças que Lightfoot trata como uma pré-condição para a reanálise, qual seja, a perda dos objetos diretos, e antes de qualquer condição pressuposta, a perda total da flexão verbal. A perda da segunda pessoa singular ocorre no decurso do século XVII, então a reanálise deve ter ocorrido mesmo havendo evidência

para a flexão. Além disso, há auxiliares no Inglês moderno – por exemplo o auxiliar *do*⁷ e a cópula da construção *is to V* – que têm flexão verbal mas não podem ocorrer em contextos não finitos. Warner também mostra que diferentes modais parecem ter perdido seus usos não-finitos em épocas distintas, sendo *must* e *shall* mais avançados que *can*, *may* e *will*. Lightfoot (1991) aceita as correções dos fatos de Warner, mas nega que elas tenham afetado sua conclusão de que houve uma reanálise dos modais, que ocorreu no século XVI (apesar de poderem ter ocorrido mais cedo para *must* ou *shall*) e que foi uma acumulação de propriedades excepcionais que desencadearam a reanálise. A análise alternativa, entretanto, é a de que os modais permanecem verbos, só que com um número crescente de traços excepcionais. O ponto mais geral aqui é que ninguém ainda apresentou uma análise do desvio que levou à situação atual, seja ela terminando em reanálise gramatical ou não. Gostaríamos de saber se a história dos modais é só uma série de acidentes ou se alguma força diretiva está envolvida, mas não sabemos. A partir de então, até mesmo nesse caso bem estudado, um certo ceticismo sobre tendências de longo prazo na mudança sintática permanece garantido.

O único caso mais citado para tendências de longo prazo em sintaxe é o caso de harmonia trans-categorial. Greenberg, nos seus amplos estudos tipológicos, estabeleceu certas correlações bem gerais entre os traços linguísticos, que linguistas desde então tentam explicar. Na sintaxe, as mais importantes são as correlações através dos tipos de constituintes, que podem ser resumidas da seguinte forma (GREENBERG, 1966): línguas VO tendem a colocar os modificadores adjetivais e genitivos depois dos seus núcleos nominais e a serem pré-posicionais. Línguas OV tendem a ter modificadores adjetivos e genitivos prenominais e a serem pós-posicionais. Se modificadores e complementos são agrupados juntos em oposição aos núcleos⁸, essas correlações podem definir dois tipos ideais de ordem de palavras: núcleo inicial e núcleo final. Na linguística evolutiva de longo prazo, tem sido proposto que existe uma tendência global de as línguas se moverem na di-

⁷ O auxiliar *do* certamente tem essa propriedade no Inglês Americano. Se essa propriedade está presente no Inglês Britânico depende da análise de elipse verbal em exemplos como (i):

(i) He said that he'd come, and he may have done.

Ele disse que ele'ia vir, e ele deve ter feito

“Ele disse que viria, e deve ter vindo”.

Não é claro se o *do* não finito nesse exemplo seja o mesmo elemento morfossintático como o auxiliar finito (veja PULLUM; WILSON, 1977) para uma discussão frutífera).

⁸ A decisão de fazer isso não deixa de ser problemática. Em forma lógica, os modificadores são naturalmente tratados como funções que selecionam seus núcleos como argumentos, mapeando um sintagma de um dado tipo de denotação para um sintagma maior do mesmo tipo, enquanto complementos parecem ser argumentos de seus núcleos, que são eles mesmos funções. Em outras palavras, a atribuição de sintagmas ao estatuto de função ou argumento é revertido no caso das relações núcleo-modificador e núcleo-argumento.

reção de um ou outro desses tipos porque algo na sintaxe favorece harmonia trans-categorial na direcionalidade (HAWKINS, 1979, 1983). Um problema imediato que surge com essa ideia é o de que, apesar de algumas poucas línguas, como Japonês ou Irlandês, serem consistentemente núcleo final ou núcleo inicial, muitas são inconsistentes. Por exemplo, o Inglês é uma língua VO e preposicional, mas tem adjetivos e genitivos antepostos aos seus nomes, enquanto Latim Clássico e Farsi são OV mas preposicionais. Outras línguas, como Chinês ou Ídiche, mostram uma mistura aparente de posicionamento de núcleo e de nível clausal, de modo que há ainda uma controvérsia sobre serem VO ou OV. A falta de consistência na direcionalidade na maioria das línguas levanta questões de quão forte seja a pressão para harmonia e onde no sistema ela poderia estar localizada. Lightfoot (1979) aponta que, no processo de aquisição de uma língua, as crianças não podem ter acesso a nenhuma tendência de longo prazo em direção à consistência. Elas simplesmente aprendem a língua à qual estão expostas. Dado esse fato robusto, é difícil perceber qual força de causa a consistência poderia ter.

Vincent (1976), baseado em Kuno (1974), propõe uma solução parcial para achar a força de causa por trás da harmonia trans-categorial, baseado na ideia de que a harmonia reduz a complexidade perceptual. Como é bem sabido, as construções encaixadas são difíceis de processar, tanto que o encaixamento recursivo geralmente leva a uma desconstrução, como no exemplo (7) a seguir:

- (7) a. The dog that the rat bit chased the cat.
O cachorro que o rato mordeu perseguiu o gato.
- b. % The cat that the dog that the rat bit chased died.
O gato que o cachorro que o rato mordeu perseguiu morreu.

Kuno mostra que em línguas SOV, como o Japonês, poderia haver muito mais casos de encaixamento central com sentenças relativas pós-nominais do que há com as sentenças verdadeiramente prenominais, enquanto as línguas VSO permitem o inverso. Dentro do sintagma nominal, há uma correlação similar. Se os NPs são núcleo final, o encaixamento central vai ser induzido quando um substantivo seleciona um complemento ou adjunto preposicional, mas não quando ele seleciona um pós-posicional. Se os NPs são núcleo-iniciais, a situação é mais uma vez o inverso. Assim, a tendência em direção à harmonia pode ser dirigida por uma pressão para minimizar o encaixamento centralizado. Obviamente, existe pelo menos uma outra maneira de evitar o encaixamento central,

qual seja, a extraposição do constituinte encaixado. Assim, Alemão, apesar de ser uma língua SOV, tem relativas pós-nominais; mas essas são geralmente extrapostas à direita do verbo:

- (8) a. ... daß wir die Studenten [die der Professor uns vorgestellt hat] besucht haben
... que nós os alunos [a quem o professor nos apresentado tem] visitado temos
“que nós visitamos os alunos que o professor nos apresentou”.
- b. ... daß wir die Studenten besucht haben [die der Professor uns vorgestellt hat]
... que nós os estudantes visitado temos [a quem o professor nos apresentado tem]
“que nós visitamos os alunos que o professor nos apresentou”.

A aplicação repetida da extraposição elimina o encaixamento central recursivo:

- (9) a. % ... daß wir die Studenten [die der Professor [der Anglistic lehrt] uns vorgestellt hat] besucht haben
... que nós os alunos [quem o professor [que inglês ensina] nos apresentado tem] visitado temos
“que nós visitamos os alunos que o professor que ensina inglês nos apresentou”.
- b. ... daß wir die Studenten besucht haben [die der Professor uns vorgestellt hat] [der Anglistik lehrt]
... que nós os alunos visitado temos [quem o professor nos apresentou tem] [que Inglês ensina]
“que nós visitamos os alunos que o professor que ensina inglês nos apresentou”.

Agora, algumas línguas SOV, entre elas o Japonês, não permitem o tipo de extraposição encontrado em Alemão, mas não está claro porque línguas diferentes usam mecanismos diferentes para atenuar os efeitos do encaixamento central. O problema básico aqui é que não é proposto nenhum mecanismo causal que relaciona diretamente o problema do processamento proposto pelo encaixamento central à mudança linguística. Até que tal mecanismo tenha sido proposto, a conexão pressuposta entre processamento e mudança não pode ser avaliada (cf. MCMAHON, 1994 para uma discussão adicional).

Num trabalho recente sobre a história das línguas germânicas, Kiparsky (1996) propõe um modelo misto para a mudança de OV para VO nas línguas em que isso ocorreu. Ele sugere que a pressão para harmonia trans-categorial ou uma pressão endógena

similar em direção à otimização⁹ tenha sido a causa subjacente (“efetiva”) da mudança, mas que também tenha havido uma causa que a possibilitava, qual seja, o aparecimento do fenômeno V2 (ou talvez INFL-médio) nas sentenças subordinadas. Uma vez que o constituinte inicial de tal sentença subordinada com ordem verbo-medial era quase sempre o sujeito, a ordem superficial de palavras nessas sentenças seria SVO sempre que não houvesse um verbo auxiliar. Obviamente, a presença de um auxiliar poderia levar a uma ordem S-Aux-OV, a não ser que o sujeito estivesse extraposto, o que também era possível. Em qualquer caso, Kiparsky afirma que, devido a uma preferência subjacente para harmonia, as línguas mudaram quando o aparecimento da ordem V2 nas sentenças subordinadas alcançou o ponto onde a pressão para harmonia poderia superar a evidência remanescente no input. Ele aponta que os aprendizes são geralmente muito sensíveis ao input, até mesmo para evidência de baixa frequência, de modo que, por si mesmo, o aumento da ordem V2 em sentenças subordinadas não teria provocado a mudança de OV para VO. Consequentemente, ele acredita que a preferência pela harmonia seja um fator adicional necessário. É difícil dizer o quão provável é que o cenário de Kiparsky esteja correto. Nos dois casos para os quais temos a melhor evidência, Inglês e Ídiche, existe razão para acreditar que a mudança tenha sido desencadeada pelo contato linguístico (SANTORINI 1989; KROCH; TAYLOR 1998), ou seja, por uma causa exógena e não endógena. Em termos mais gerais, entretanto, é importante notar que Kiparsky não nos dá uma explicação de como o aprendiz avaliaria a pressão de otimização contra a pressão para cobrir os dados de input. Assim como na proposta de Vincent, não estaremos numa posição para avaliar a abordagem de Kiparsky até que um modelo de causa mais articulado seja proposto. Alcançar esse ponto com relação às abordagens de Vincent e de Kiparsky requer avanços no nosso conhecimento do processamento e aprendizado da linguagem respectivamente.

3 Mudança sintática e aquisição de primeira língua

Entender a relação entre aquisição da linguagem e mudança linguística requer responder à questão de quais condições exatas de aprendizagem levam à aquisição de uma dada gramática e quanto essas condições devem mudar antes que uma gramática diferen-

⁹ Kiparsky sugere que o trabalho desenvolvido pela pressão pela harmonia trans-categorial poderia ser substituído por uma pressão em direção a uma simplicidade de derivações (de fato, transparência no sentido de Lightfoot (1979), veja abaixo) se se assume a teoria da antissimetria de Kayne (1994). A ideia é que os desvios da ordem superficial SVO poderiam ser custosos porque eles requerem a postulação de regras de movimentos para a esquerda, o que complicaria as derivações e seria desfavorável, se todas as outras variáveis forem iguais. Essa variante da proposta de Kiparsky levanta as mesmas questões explanatórias como as discutidos no texto.

te seja aprendida. Esses questionamentos são abordados de maneira central dirigidos no trabalho de Lightfoot (1979, 1991, 1999), que tem argumentado que os aprendizes não prestam atenção em todos os traços sintáticos da língua que eles estão adquirindo. Na essência, eles são sensíveis somente a sentenças matrizes (eles são “aprendizes de grau-0” na terminologia de Lightfoot¹⁰) e somente a pistas específicas que dão evidência não ambígua para determinadas fixações de parâmetro, que são desencadeadas com a exposição a essas pistas. Outras abordagens permitem que o aprendiz acesse propriedades de sentenças encaixadas e que eles mantenham diferentes fixações paramétricas no caminho para aprender os parâmetros corretos (CLARK, 1992). Lightfoot tem argumentado que há uma evidência diacrônica que respalda seu modelo de aquisição; mas, enquanto não há dúvida que os desenvolvimentos diacrônicos geralmente mostram a mudança nos dados de input nas gramáticas de output, é menos certo que tais dados possam nos ajudar a escolher entre esses modelos. Um caso em que a promessa e os problemas dessa agenda de trabalho são particularmente evidentes é a análise de Lightfoot (1991) da mudança de OV para VO em Inglês. Os seus argumentos são os seguintes: o Inglês Antigo era uma língua de verbo final subjacente, como o Holandês e o Alemão modernos. Ainda que a evidência mais clara para esse parâmetro seja encontrada na ordem dos constituintes das sentenças subordinadas, as crianças não têm acesso a essa informação, então elas devem marcar o parâmetro com base na evidência em sentenças matrizes. Os melhores tipos de evidência de sentença matriz eram as sentenças matrizes com ordem verbo final, que eram possíveis em Inglês Antigo (ao contrário do Holandês e Alemão modernos), e a colocação de prefixos separáveis, que eram deixados para trás o quando o verbo se movia para esquerda para INFL ou COMP, como geralmente ocorria nas sentenças matrizes. Os exemplos seguintes ilustram esse caso:

(10) he Gode þancode [(24c) de Lightfoot]
ele Deus agradeceu
“Ele agradeceu a Deus.”

(11) þa sticode him mon þa eagon ut [(18a) de Lightfoot]
então colocou a ele alguém os olhos para fora
“Então seus olhos foram colocados para fora”

¹⁰ Mais precisamente, os aprendizes são sensíveis a domínios de ligação não encaixados, que incluem os sujeitos de sentenças subordinadas sob certas condições.

Ao longo do tempo, essas indicações da posição subjacente do verbo diminuíram em frequência até que, no fim do período do Inglês Antigo (século XII), elas não eram frequentes o suficiente para que as crianças reconhecessem que sua língua era verbo-final subjacente. Ao invés disso, elas as reanalisaram de acordo com a posição superficial medial do verbo. No momento dessa reanálise, as sentenças subordinadas ainda eram predominantemente verbo-final, de modo que, se as crianças tivessem tido acesso a elas como dados de input para aquisição, a reanálise não teria ocorrido. Já que as sentenças matrizes tinham se tornado quase totalmente verbo-medial ao final da reanálise, devemos perguntar, pois, que evidência existe para essa reorganização ter ocorrido. A resposta de Lightfoot é que houve um declínio catastrófico na frequência da ordem verbo-final nas sentenças subordinadas entre o fim do século XI e o primeiro quartel do século XII, como foi encontrado no manuscrito de Peterborough da Crônica Anglo-Saxônica. A frequência relevante cai de mais de 50% de verbo-final para menos de 10%, aparentemente na confirmação marcante da hipótese de que o parâmetro gramatical é fixado na base da ordem de palavras da sentença matriz e que as sentenças subordinadas mudam abruptamente no momento da reanálise. Entretanto, podemos levantar objeções linguísticas e sociolinguísticas relevantes para a abordagem de Lightfoot. Pintzuk (1991, 1993) mostrou que o aumento gradual da ordem verbo-medial (mais precisamente INFL-medial) em Inglês Antigo no qual Lightfoot se baseia ocorre tanto em sentenças matriz como subordinadas e, também, que a taxa de aumento é a mesma nos dois contextos. Essa é uma instância do Efeito da Taxa Constante (Constant Rate Effect) (veja abaixo), que parece se sustentar em casos de competição de gramática. Pintzuk argumenta que Inglês Antigo exibiu tal competição na ordem subjacente das palavras; ou seja, que a existência de sentenças matrizes com verbo-final, além de outras características, mostra que a ordem verbo-medial no Inglês Antigo não era uma variante transformacional da ordem verbo-final subjacente, como é no Holandês e Alemão modernos, mas sim, uma opção paramétrica independente. Se Pintzuk estiver correta, a significância linguística da catástrofe nos dados de Peterborough se torna suspeita; e existe, de fato, boa evidência que essa descontinuidade seja um fenômeno mais sociolinguístico do que gramatical. Até cerca de 1122, o manuscrito de Peterborough era escrito em Inglês Antigo padrão e exibia predominantemente uma ordem verbo-final encontrada em outros documentos. Em 1122, justamente no suposto ponto da reanálise, a caligrafia muda, assim como a qualidade da linguagem. Fica claro, a partir da morfologia e da ortografia, que o novo escriba não dominava mais o Inglês Antigo literário. Afinal de contas, mais de cinquenta anos tinham se passado des-

de a Conquista Normândica, que destruiu a cultura literária do Inglês Antigo, tanto que os monges treinados nessa cultura devem ter todos morrido. O monge que assumiu em 1122 certamente estava escrevendo um tipo de língua diferente da do escriba anterior. Ao invés do Inglês Antigo literário, ele parece ter usado algo mais próximo ao seu vernáculo; e, assim sendo, a mudança abrupta na frequência observada por Lightfoot reflete uma mudança dialetal, não uma reanálise interna. O vernáculo, não surpreendentemente, era mais inovador do que o padrão escrito; daí o salto na frequência progressiva da ordem INFL-medial. Seria demais dizer que as considerações que levantamos refutam definitivamente a abordagem de Lightfoot. Em vez disso, elas levantam questões que não foram respondidas. De modo mais geral, elas mostram quão delicada é a interpretação da evidência diacrônica e sugerem que é mais fácil explicar o passado através do estudo do presente do que vice-versa.

Dado um conjunto de postulados sobre a Gramática Universal, a aquisição bem sucedida da sintaxe de uma língua depende claramente da interação das suas propriedades estruturais com a natureza do aprendiz, de modo que, na medida em que aprendemos mais sobre ele, teremos uma esperança de melhor entender a diacronia. Em adição a essas questões, entretanto, há problemas concernentes à robustez da evidência da estrutura linguística em aquisição que surgem especificamente no contexto de mudança. Clark e Roberts (1993)¹¹ levantam esse ponto na discussão da perda do fenômeno V2 no Francês Médio, um exemplo que vale citar até certa extensão (cf. ROBERTS, 1993 para uma discussão plena das questões históricas). O Francês Antigo era uma língua V2, como as línguas germânicas; mas C&R argumentam que a evidência para a propriedade V2 do Francês Antigo era relativamente fraca porque outras propriedades da língua a obscureceram numa ampla fração das sentenças que um aprendiz ouviria. Em primeiro lugar, o Francês Antigo era uma língua parcialmente pro-drop, de modo que muitas sentenças, como (12) abaixo, eram consistentes com tanto uma análise como V2, como em (13a), como uma análise não V2, como em (13b):

(12) Si firent grant joie la nuit. [(51c) em C&R]
então fizeram grande alegria à noite
“Então eles fizeram grande alegria à noite.”

(13) a. [CP si [C firent_i] [IP pro t_i grant joie la nuit]]
b. [IP si [IP pro firent grant joie la nuit]]

¹¹ C&R, daqui em diante.

Em segundo lugar, mais de um terço das sentenças no corpus do Francês Antigo possuem sujeito em posição inicial, como em (14):

- (14) Aucassins ala par le forest. [(51b) em C&R]
Aucassins foi através a floresta
“Aucassins caminhou pela floresta.”

Tais sentenças não oferecem nenhuma evidência de que a língua era V2, uma vez que a sua ordem é consistente com o que se encontra numa língua não V2 com ordem SVO subjacente; isto é, uma sentença como (14) é igualmente compatível com ambas análises em (15):

- (15) a. [CP Aucassins_i [C ala_j] [IP t_i t_j par le forest]]
b. [IP Aucassins ala par le forest]

Somente as sentenças com sujeitos explícitos e tópicos que não sujeitos, como (16) abaixo, com a inversão do sujeito e do verbo finito, davam ao aprendiz do Francês Antigo evidência não ambígua para V2:

- (16) a. (Et) lors demande Galaad ses armes. [(51a) em C&R]
(e) então pede Galaad suas armas.
“Então Galahad pede suas armas.”

C&R consideram que as sentenças que dão uma evidência conclusiva para uma determinada fixação de parâmetro “expressam” o parâmetro; e, em Francês Antigo, as sentenças que expressam o parâmetro V2 eram frequentes o suficiente para garantir que isso era aprendido, apesar da alta frequência de sentenças que não o expressavam.

No Francês Médio, ocorreram algumas mudanças que reduziram a frequência das sentenças que expressavam o parâmetro V2. Mais claramente, o uso do deslocamento à esquerda clítico começou a aumentar às custas da topicalização. Nas sentenças com deslocamento à esquerda, ilustradas em (17) abaixo, o constituinte inicial liga um pronome resumptivo e é adjungido a CP, gerando, pois, uma ordem superficial do verbo na quarta posição:

(17) [Les autres arts et sciences]_i, Alexandre les_i honoroit bien.

As outras artes e ciências Alexander as honrou bem

“As outras artes e ciências, Alexander as honrou bem.”

Claramente, essas sentenças não expressam o parâmetro V2, uma vez que o fronteamto do objeto direto ocorre sem a inversão do sujeito com o verbo flexionado. Ao contrário do que pode parecer, entretanto, os exemplos são consistentes com uma análise V2. Primeiramente, o pronome objeto, sendo um clítico ligado ao verbo finito, não conta para uma posição, assim como em todos os outros dialetos V2 das línguas românicas. Como o exemplo (18) mostra, o verbo flexionado numa sentença topicalizada inverte com o sujeito, como esperado numa língua V2, na presença de uma próclise pronominal:

(18) Toutes ces chose te presta Nostre Sires.

Todas essas coisas te emprestou Nosso Senhor

“Todas essas coisas, Nosso Senhor te emprestou.”

Em segundo lugar, o objeto deslocado à esquerda é adjunto a CP e pertence a um sintagma entonacional separado; e, por consequência, ele não conta como posição. As outras línguas historicamente V2, Alemão Medieval e Inglês Antigo, por exemplo, também exibem essa característica. O deslocamento à esquerda é, entretanto, pouco frequente nas línguas V2 estáveis, incluindo o Francês Antigo; e, à medida que a frequência de deslocamento à esquerda aumenta no Francês Médio, a evidência para V2 diminui devido à queda concomitante na frequência de sentenças com inversão verbo sujeito.

Aparentemente, houve uma mudança na prosódia preferida do Francês, em algum momento durante o período do Francês Médio, que favoreceu a colocação de um constituinte fronteado numa frase entonacional separada, algo que só é possível com uma estrutura de deslocamento à esquerda (Adams 1987). No Francês moderno, fica claro que sentenças como (17) contêm dois contornos de final de frase e que eles contrastam com os casos de movimento de foco, como em (19), onde não há pronome resumptivo e a sentença inteira constitui uma única frase entonacional:

(19) Dix franc, ce truc m'a coûté.

Dez francos, essa coisa me-tem custado.

“Dez francos, isso me custou.”

Não é óbvio o que causou a mudança na prosódia do Francês, mas é claro qual efeito isso teve na evidência para o V2 disponível para os aprendizes. Uma redução adicional na frequência de sentenças expressando o parâmetro pode ter resultado de uma mudança no estatuto dos sujeitos pronominais no Francês Médio. É bem sabido que, no Francês Antigo, os pronomes sujeitos, diferentemente dos pronomes objeto, não eram clíticos. Por volta do Francês Médio, no entanto, eles se desenvolveram em clíticos; e Adams (1987) aponta que as mais antigas exceções aparentes para ordem V2 eram, na grande maioria, sentenças com sujeitos pronominais, ou seja, com a ordem *XP-pro-V*. Se os sujeitos pronominais até esse ponto eram clíticos, essas sentenças seriam consistentes com V2; mas, como os casos de deslocamento à esquerda, elas não expressariam o parâmetro V2. Consequentemente, a sua frequência crescente mais tarde teria reduzido ainda mais a evidência para o parâmetro V2 disponível para os aprendizes. Nesse ponto, a evidência deve ter se tornado tão fraca que os falantes abandonaram a hipótese V2 (PLATZACK, 1995). O porquê exato de eles fazerem isso é, entretanto, uma questão em aberto. C&R sugerem que uma combinação de dois fatores estava envolvida. Primeiro, as sentenças com a ordem *XP-pro-V* podem, em alguns casos, ter sido analisadas como exceções a V2 ao invés de evidência para V2. Essa interpretação surgiria porque o estatuto clítico dos sujeitos pronominais é menos claro do que o dos objetos pronominais. Uma vez que essa interpretação surgiu, os aprendizes estariam diante de dois parâmetros mutuamente inconsistentes para sua língua. Nessa situação, C&R argumentam que os aprendizes teriam optado pela gramática que atribuía representações estruturalmente mais simples para as sentenças. A ideia aqui é similar ao Princípio da Transparência de Lightfoot (1979), que afirma que as derivações sintáticas com menos passos e cujos outputs de superfície são mais próximos aos seus inputs subjacentes são preferidas a derivações mais complexas onde a relação entre as formas subjacentes e superficiais é mais opaca.

A robustez variável da evidência para V2 em diferentes línguas pode ser implicada nos diferentes destinos históricos dessa propriedade através das línguas. Muitas das línguas medievais da Europa ocidental tinham a propriedade V2, e todas as línguas Germânicas, exceto o Inglês Moderno, continuam a obedecê-la. O Inglês e as línguas Românicas, entretanto, perderam essa propriedade. É interessante que, entre as línguas que ainda retêm V2, algumas são verbo-medial e outras são verbo-final; mas todas as línguas que o perderam eram verbo-medial. No caso do Inglês, a perda de V2 é subsequente à mudança da ordem verbo-final para verbo-medial (KEMENADE, 1987). Esse

padrão levanta a questão de haver razões linguísticas para que o V2 seja, talvez, mais uma propriedade de línguas verbo-finais do que verbo-mediais. Considerem-se os seguintes exemplos do Alemão, uma língua V2 verbo-final:

- (20) a. Er hat sie gesehen.
Ele tem a visto
- b. ...daß er sie gesehen hat
...que ele a visto tem

A propriedade V2 é geralmente limitada às sentenças matrizes¹²; e onde ela não se aplica, é geralmente assumido que algo próximo da ordem subjacente da sentença finita vai para a superfície, como uma consequência necessária da arquitetura da Gramática Universal; daí a ordem verbo-final em (20b). O contraste entre (20a) e (20b) dá ao aprendiz do Alemão uma clara evidência de que até mesmo sentenças com sujeito inicial são V2¹³. Numa língua subjacentemente verbo-medial, entretanto, as sentenças equivalentes a (20) não oferecem esse tipo de evidência. Esse deve ser o ponto do exemplo (15) de C&R do Francês Antigo, apesar de eles não levantarem explicitamente a questão da ausência de contraste com a ordem das sentenças subordinadas no caso de uma língua SVO. Para ver claramente o que está em questão, considere-se a tradução das sentenças em (20) para o Sueco, uma língua V2 verbo-medial moderna:

- (21) a. Han har sett henne.
Ele tem visto ela_{ACC}
- b. ...att han har sett henne.
...que ele tem visto ela_{ACC}

Aqui a ordem de palavras nas sentenças subordinadas e matrizes é a mesma e, assim, não dão qualquer evidência para o aprendiz. Ele, então, deve se basear em outros tipos de sentenças, mais obviamente sentenças matrizes com constituintes topicalizados como os seguintes, que exibem uma ordem XVS:

¹² Deixamos de lado o Ídiche, uma língua Germânica Ocidental, e o Islandês, uma língua Germânica Setentrional, para as quais a evidência dessa limitação é parca.

¹³ Um aprendiz de grau-0 no estilo de Lightfoot se basearia na evidência em sentenças matrizes como a posição da negação e prefixos separáveis para chegar a essa conclusão. O contraste entre línguas V2 SOV e SVO permanece.

- (22) Boken har jag inte köpt.
livro-o tenho eu não comprado
“O livro, eu não comprei.”

Já que aproximadamente metade das sentenças na fala são sujeito-iniciais, uma proporção bem maior das sentenças ouvidas pelos aprendizes de Alemão dá evidência para V2 do que para os aprendizes de Sueco. Obviamente, os aprendizes de Sueco devem ouvir sentenças numa frequência mais do que suficiente para adquirir a propriedade V2, já que todos os falantes de Sueco a adquirem. Além disso, já que o Sueco, como todas as línguas Escandinavas, tem sido V2 de forma estável durante todos os registros históricos, a evidência deve ser robusta. Contudo, a sintaxe diacrônica do Inglês e do Francês lança ainda mais luz sobre a questão da robustez. Como vimos, é possível que mudanças que enfraquecem a evidência para V2 sobre sentenças matrizes verbo-medial ocorram; mas essas mudanças somente têm seu efeito quando elas ocorrem numa língua cuja ordem subjacente já seja verbo-medial. Numa língua com ordem subjacente verbo-final, a ordem superficial SVO por si é evidência para V2. Portanto, parece que tal língua não poderia perder a propriedade V2 a não ser que ela tenha primeiro mudado de uma ordem subjacente verbo-final para verbo-medial. Desse modo, o fato de nenhuma língua V2 verbo-final ter perdido a propriedade V2 receberia uma explicação no modelo de C&R.

Alguns acreditam que o Inglês seja um exemplo do caminho para a perda de V2 para as línguas verbo-finais que esse modelo requer, mas a história e a gramática são ambas sujeitas a diferentes interpretações e a questão permanece em aberto. O Inglês Antigo era uma língua amplamente verbo-final em sentenças subordinadas e V2 em sentenças matrizes; mas, a partir do começo do Inglês Médio (ca. 1200), a ordem subjacente era quase inteiramente verbo-medial. Nesse ponto, a língua era ainda V2, mas algum tempo depois de 1250 a ordem V2 começou a diminuir. Por volta de 1400 ela já tinha desaparecido, pelo menos nos dialetos centrais (N.T. *Midlands*). A evidência para propriedade V2 sempre foi, de certo modo, complexa em Inglês porque, em sentenças com sujeitos pronominais, uma combinação de fatores levou a uma ordem V3 consistente; ou seja, houve um contraste sistemático entre sentenças como (23) e (24), tiradas de Pintzuk (1991):

- (23) & of heom twam is eall manncynn cumen (WHom 6.52)
and of them two is all mankind come
“e toda a humanidade veio deles dois.”

- (24) *Ælc yfel he mæg don*
each evil he can do.
“todo mal ele pode fazer.”

Uma vez que essa distinção já aparece nos documentos mais antigos de Inglês Antigo, que datam do final do século VIII, e que V2 é estável até pouco depois de 1250, a complexidade aqui claramente não interfere na aquisição da propriedade V2, um fato que levanta questões sobre a relevância do aparecimento dos clíticos sujeito no caso do Francês. Por outro lado, isso pode ter sido um fator favorecedor, que teve efeito somente em combinação com outros, incluindo a mudança para ordem subjacente SVO. Um outro fator é que o Inglês sempre teve determinados advérbios iniciais que podiam induzir uma ordem V3, como se vê no seguinte exemplo do Inglês Antigo, tirado da entrada da Crônica Anglo-Saxônica do ano de 892:

- (25) *Her Oswald se eadiga arcebisceop forlet þis lif.*
In-this-year Oswald the blessed archbishop forsook this life.
“Este ano Oswald o abençoado arcebispo procurou essa vida”.

Originalmente, somente os advérbios temporais que marcam uma cena permitiam essa possibilidade, que também é atestada no Alemão medieval; mas, no início do Inglês Médio, o leque de advérbios que ocorriam com ordem V3 parece ter aumentado, de modo que, junto com os casos de V2, encontramos, na prosa mais antiga do Inglês Médio (constituída de textos do dialeto centro- oeste (N.T. West Midlands) da primeira metade do século XIII), exemplos como o seguinte, tirado da *Ancrene Riwe*:

- (26) a. *Ðus Seint Iame descriueð religion*
thus Saint James describes religion
“assim Saint James descreve a religião”
b. *ofte a ful haZer smið smeðeð a ful wac knif*
often a full skillful smith forges a full weak knife.
“muitas vezes um ferreiro totalmente habilidoso forja uma faca totalmente fraca”.

c. & þer god schawede him seolf to ham
and there God showed himself to them.
“e lá Deus se mostrou a eles”.

Esses exemplos devem ser considerados como primeiras indicações da perda do requerimento V2, mas essa interpretação é incerta porque, no caso dos argumentos topicalizados, a ordem V2 se mantém categórica nestes textos. Ainda assim, o aumento da classe de advérbios que permitem ordem V3 certamente reduziu a evidência de que a língua era realmente V2 que estava disponível para o aprendiz. Mais uma vez, a importância de sentenças V3 iniciadas por advérbios para a evolução histórica é difícil de avaliar. Sabemos que as línguas V2 modernas permitem ordem V3 com algumas expressões adverbiais, como nos seguintes exemplos do Alemão e do Sueco:

(27) Nichtdestotrotz, wir müssen weiter gehen.

“Apesar disso, nós devemos adiante ir”

(28) Utan tvekan, hon var mycket vacker. [em Platzack (1995)]

“sem dúvida, ela era muito bonita”

Já que essas línguas, crucialmente o Sueco, dado o modelo que estamos explorando, são V2 estável, essas sentenças não devem ter tido um papel muito importante nas mudanças do Inglês. O leque de advérbios que permitiam ordem V3 na primeira Fase do Inglês Médio parece de algum modo mais amplo do que essas línguas V2 estáveis, e essa diferença pode ter sido suficiente para afetar o comportamento dos aprendizes do Inglês.

Apesar de ser sugestivo que a ordem V2 comece a diminuir pouco depois da mudança definitiva do Inglês para uma ordem verbo-medial, ainda permanece incerto se a evidência relativamente fraca para V2 no Inglês Médio realmente teve um papel na eventual perda dessa propriedade. No mesmo período (meados do século XIV), quando V2 está claramente diminuindo nos dialetos centrais do Inglês, o dialeto de Kent no sul preserva V2 em grande parte sem mudança, apesar do condicionamento gramatical do V2 ser o mesmo em Kent e nas regiões centrais e apesar de Kentish ser, ao mesmo tempo, estritamente verbo-medial. Por outro lado, no norte, a perda de V2 parece ser mais avançada do que no centro; mas, no dialeto setentrional, nossa melhor evidência diz que a ordem V2 era igualmente característica de sentenças com sujeitos pronominais bem como nominais (KROCH; TAYLOR 1997; KROCH; TAYLOR; RINGE 1997). Em outras palavras, a evidência para V2 era na verdade mais forte no dialeto que perdeu a propriedade primeiro do que nos dialetos em que a perda ocorreu depois. Como veremos abaixo,

entretanto, talvez haja realmente uma explicação de base na aquisição para essa circunstância paradoxal uma vez que levamos em conta os efeitos do contato dialetal.

4 Contato Linguístico e Mudança Sintática

Uma força atuante para a mudança sintática, cuja existência é incontestável, é o contato linguístico. Exemplos de mudanças sintáticas através do contato são abundantes. Talvez o mais famoso seja a convergência em traços sintáticos, por exemplo, a falta de infinitivo, que caracteriza as línguas Balcânicas (JOSEPH 1983), uma Sprachbund (Área Linguística) geneticamente diversa na qual o Romeno, várias línguas Eslavas, o Grego e o Albanês estiveram em contato por muitos séculos. Outro exemplo bem conhecido é a situação de contato na aldeia Kupwar em Maharashtra, Índia, onde a língua Dravidiana Kannada está em contato com duas línguas Indo-Arianas, Marathi e Urdu (GUMPERS; WILSON 1971; veja também NADKARNI, 1975 para um caso similar). O Inglês Médio também pode exemplificar os efeitos do contato entre Escandinavo e o Anglo-Saxão nativo devido às invasões Vikings nos séculos IX e X, apesar de haver controvérsia acerca da extensão da influência escandinava na gramática do Inglês (JESPERSEN 1938; KROCH; TAYLOR; RINGE 1997; THOMASON; KAUFMAN 1988). O contato pode levar ao empréstimo de traços sintáticos, como quando Kupwar Kannada adota o uso da cópula explícita com adjetivos predicados, no modelo do Indo-Ariano, onde o Kannada padrão tem uma cópula nula. Isso também pode levar à perda de traços que distinguem as línguas em contato, o que pode ter acontecido com marcação de Caso em Anglo-Saxão, que esteve em contato com o Escandinavo (JESPERSEN, 1938). Mais interessante, há o caso dos efeitos de substrato, onde os aprendizes adultos adquirem sua nova língua imperfeitamente e passam certos traços desse “dialeto estrangeiro” para seus filhos, que são, entretanto, falantes nativos da língua influenciada pela língua estrangeira. A mudança linguística induzida por contato se deve, obviamente, a uma aquisição imperfeita, tal como no caso dos mecanismos hipotéticos discutidos acima, mas os aprendizes envolvidos são geralmente adultos e não crianças. Não entendemos precisamente como ou porque os falantes adotam preferencialmente traços das línguas circunvizinhas a traços de sua língua nativa ou porque certos traços de uma língua nativa são transmitidos para a segunda língua de um aprendiz adulto. Sabemos, contudo, que os falantes nativos não tomam traços gramaticais com frequência, mas sim, que é mais provável que estes apareçam como efeitos de interferência na aquisição de segunda língua por um adulto (APPEL; MUYSKEN 1987). Os efeitos de interferência, na verdade, apontam para uma abordagem causal de certos tipos de mudança induzida por contato. Se um grupo de adultos aprende uma

segunda língua imperfeitamente e, se essa segunda língua fornece os dados linguísticos primários para um grupo de crianças por quem esses adultos são os principais responsáveis, o processo usual de aquisição de primeira língua pode levar diretamente à adoção de traços “estrangeiros” ou “de interferência” na língua nativa das crianças, que podem transmiti-los para outras crianças. Nesse caso, diferentemente do caso das imprecisões na aquisição de primeira língua, não há mistério algum sobre a causa da transmissão imperfeita.

A perda do efeito V2 no Inglês Médio é um caso de mudança em que existe evidência de que o contato linguístico desempenhou um papel; e, dada a relevância dessa discussão e de mudanças similares na literatura recente em sintaxe diacrônica, essa evidência merece ser brevemente abordada. Devemos notar de início que a evidência não é conclusiva; mas é sugestiva e ilustra uma linha de pesquisa que tende a crescer em importância conforme a disponibilidade de corpora eletrônicos anotados torna os estudos estatísticos mais práticos. Resumimos aqui a análise apresentada em Kroch, Taylor e Ringe (1997) e em Kroch e Taylor (1997), cujas estatísticas foram feitas com base no Corpus Anotado do Inglês Médio Penn-Helsinki (*Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English*) (KROCH; TAYLOR, 1994). K&T e KTR dão evidência de que, com relação à gramática de V2, havia dois dialetos no Inglês Médio, um dialeto setentrional no qual o verbo flexionado se movia para COMP e um dialeto meridional onde o verbo flexionado se movia até INFL. A melhor evidência para essa diferença dialetal é a ordem de palavras em sentenças com sujeitos pronominais. Como já mencionamos, V2 no Inglês Antigo exibia uma peculiaridade não encontrada em outras línguas germânicas, qual seja: sentenças topicalizadas com sujeitos NP plenos tinham uma ordem XVS, mas aquelas com sujeitos pronominais tinham uma ordem XP-pro-V, como ilustrado nos exemplos (23) e (24) acima. Essa peculiaridade continua no Inglês Médio no centro e no Sul; existe uma boa evidência, entretanto, de que o dialeto setentrional tenha se comportado diferentemente¹⁴. Neste último, havia inversão tanto com sujeitos pronominais como com sujeitos NPs plenos, tal qual nas outras línguas germânicas. O seguinte exemplo da prosa *Rule of St. Benet* ilustra esse comportamento:

- (29) þe alde sal sho calle þarto
the old shall she call thereto
“os antigos deve ela chamar para lá.”

¹⁴ Não existem manuscritos setentrionais em prosa anteriores a 1400, então as conclusões sobre o dialeto setentrional do Inglês Médio são baseadas em evidência indireta. A melhor evidência vem da Prosa setentrional *Rule of St. Benet*, um documento do início do século XV de uma parte isolada de Yorkshire, que parece ter preservado traços de um período anterior.

A diferença entre os dialetos do norte e do sul é clara a partir da seguinte tabela da frequência da ordem XVS para sentenças com objetos diretos topicalizados com sujeitos NP plenos e pronominais, respectivamente:¹⁵

Tabela 1: Ordem NP-V-S versus NP-S-V com sujeitos NP e pronominais

Dialeto	Sujeitos NP pleno			Sujeitos pronominais		
	Número invertido	Número não inv.	% invert.	Número invertido	Número não inv.	% invertido
Midlands	50	4	93	4	84	5
Norte	7	0	100	58	3	95

Fonte: Kroch (2001).

KTR mostram que, apesar da evidência ser indireta e limitada, é mais provável que a diferença dialetal entre o Norte e o Centro/Sul remonte ao século X e que pode refletir uma influência Escandinava no Inglês Antigo setentrional. Como apontamos, por volta do século XIV a propriedade V2 está claramente sendo perdida. Essa perda é mais avançada nos textos setentrionais de áreas em contato com o centro *Midlands*. A pergunta que se faz é o porquê de isso ser assim. A resposta parece recair na natureza do contato entre os dialetos. Na divisa dialetal, os falantes (adultos) da comunidade setentrional estavam se comunicando com falantes cujo uso de V2 lhes parecia variável. Eles teriam analisado sentenças topicalizadas com sujeitos nominais produzidas por falantes da gramática meridional como exibindo movimento do verbo flexionado para COMP, já que essa é a análise que eles dariam para as mesmas sentenças no seu próprio dialeto. Mas os falantes do sul teriam usado V3 com sujeitos pronominais, um uso que os falantes do norte teriam interpretado como uma violação do requerimento pra V2, uma vez que eles não teriam razão alguma para distinguir pronomes e NPs na sua sintaxe. A partir desses dados, os falantes do norte teriam concluído que os falantes do sul estavam falando uma língua mista, com uma gramática V2 e uma gramática não V2 em competição diglósica (veja abaixo). Se os falantes setentrionais se acomodassem aos seus interlocutores de modo usual, eles teriam produzido algumas sentenças não V2, mas, crucialmente, com sujeitos tanto pronominais como nominais. Essa acomodação teria dado aos falantes evidência para uma gramática não V2, que teria entrado na sua comunidade de fala em competição com a gramática V2. Os falantes da gramática meridional expostos à fala setentrional não tenderiam a produzir sentenças não V2, já que seus interlocutores do norte produziam

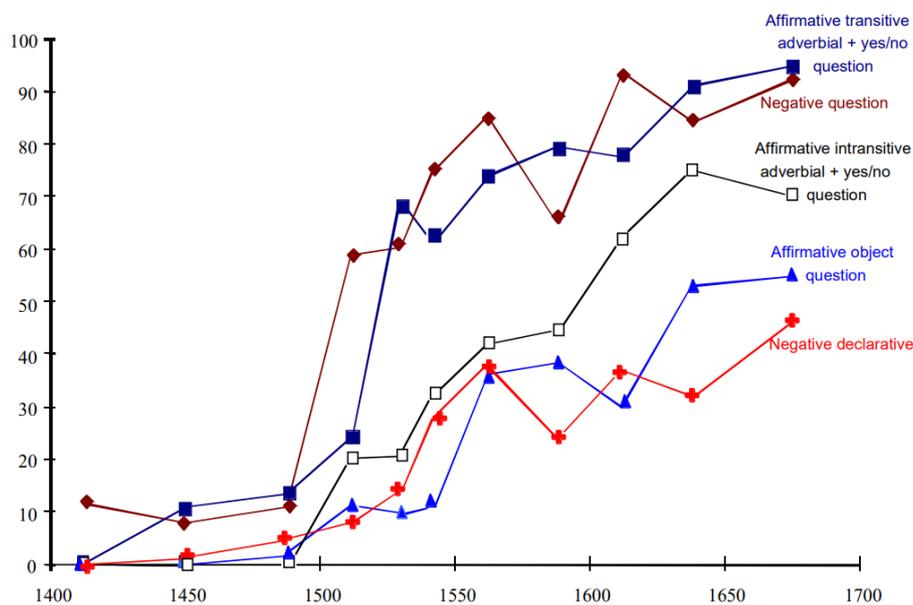
¹⁵ O pequeno número de exceções ao padrão pode ser um primeiro sinal do contato dialetal que se tornou muito importante ao longo do tempo.

uma ordem superficial V2 mais frequentemente do que eles mesmos. De qualquer modo, os falantes do sul teriam se acomodado ao produzir algumas sentenças V2 com sujeitos pronominais e os aprendizes teriam adquirido uma gramática V2 com movimento do verbo para COMP junto com a opção meridional de V-para-INFL. Não sabemos porque a gramática não V2 venceu no Norte e porque em algum momento ela se espalhou para toda a Britânia, mas temos evidência de que o resultado não era predestinado. Em Chaucer, cujo dialeto era das Midlands sudeste, achamos uma adesão geral à ordem V2 com sujeitos tanto nominais quanto pronominais. Esse é um exemplo de um falante do sul, apesar da sua representatividade desconhecida, que utilizava um padrão do norte. Assim, talvez o fato de o Inglês hoje não ser uma língua V2 se deva somente ao acaso ou às vicissitudes da sua história social.

5 A difusão da mudança sintática

Os estudos de mudança sintática que traçam a evolução temporal das formas registram universalmente que a mudança é gradual. Um dos estudos mais extensos desse tipo, sobre o aparecimento do auxiliar *do* de Ellegård (1953), contém o seguinte gráfico da frequência do *do* mais o verbo principal em relação ao verbo principal somente, baseado numa amostra de mais de 10.000 dados:

Figura 1 – O aparecimento do *do* perifrástico (adaptado de Ellegård, 1953).



Fonte: Kroch (2001).¹⁶

¹⁶ NT: Decidi transpor o gráfico original de Kroch (2001), por não ter como reproduzir com os índices, uma vez que eles não estão explicitados. Neste gráfico, as curvas são das sentenças afirmativas transitivas + interrogativas sim/não; interrogativas negativas; afirmativas intransitivas adverbiais + interrogativas sim/não; interrogativas afirmativas de objeto; declarativas negativas.

Outros estudos quantitativos mostram uma curva similar de mudança em “S”. Antes do aparecimento da gramática gerativa, esse tipo de gradualidade era tomado como certo. A mudança sintática, uma vez implementada, era concebida primordialmente como uma mudança lenta no curso das frequências de uso, que ocasionalmente levava à perda de algumas formas linguísticas. Novas formas, independentemente de entrarem na língua como inovações ou empréstimos, no início, geralmente afetariam a língua de modo apenas marginal e então, se adotadas pela comunidade de fala, iriam se espalhar e aumentar em frequência. Com o advento da gramática gerativa, esse modo de pensar sobre a mudança logo se tornou problemático. Para começar, a teoria gerativa, sendo uma teoria sobre a boa formação gramatical, preocupa-se mais com que formas são possíveis numa língua natural do que com qual frequência elas são usadas. As frequências de uso podem refletir preferências estilísticas ou efeitos de processamento psicolinguístico, mas elas não tinham um lugar na teoria gramatical. A gradualidade da mudança, portanto, ficou fora do interesse nas primeiras discussões gerativistas. Mais recentemente, entretanto, reconheceu-se que a questão da gradualidade apresenta algum desafio para a teoria gramatical, porque ela caracteriza não somente mudanças nas preferências estilísticas, como também a difusão de mudanças na fixação de parâmetros sintáticos. Por exemplo, Roberts (1985) e Kroch (1989b) argumentam que o surgimento do auxiliar *do* foi o reflexo da perda do movimento de verbos flexionados para INFL, a posição de auxiliares flexionados, um processo obrigatório que é característico de muitas línguas Europeias e que foi totalmente produtivo no Inglês Médio. Quando esse movimento foi perdido, a associação de Tempo com o Verbo foi bloqueada nas sentenças negativas, bem como o movimento do verbo para COMP nas interrogativas. O auxiliar semanticamente nulo *do* foi então inserido na posição de INFL, onde ele carregava a informação de tempo e, como os outros auxiliares, se movia para COMP quando era apropriado. Muitas análises foram propostas para o sistema de verbos auxiliares do Inglês Moderno, mas elas geralmente compartilham a propriedade de que o auxiliar *do* é usado quando o movimento do verbo para INFL (V-para-I) não pode ser aplicado. Em línguas em que o movimento de V-para-I é licenciado para todos os verbos, ele é obrigatório e não ocorre nada parecido com a inserção de *do*. Assim, é um enigma que o uso do auxiliar *do* deva ser variável por mais de 300 anos de história do Inglês. Além disso, até onde podemos considerar, outras opções paramétricas da sintaxe que passam por uma mudança de um padrão para outro mostram o mesmo tipo de comportamento variável durante um período de transição mais ou menos longo. Isso se mostrou como verdadeiro para a perda de V2 em Inglês (KROCH,

1989a), Francês (FONTAINE, 1985) e Espanhol (FONTANA, 1993), assim como para a mudança de ordem de verbo-final para verbo-medial no Inglês Antigo, Grego Antigo e na primeira fase do Ídiche (PINTZUK, 1995; TAYLOR, 1994; SANTORINI, 1993).

Dados os pressupostos da gramática gerativa, a variação em sintaxe que corresponde à fixação de parâmetros sintáticos de forma oposta deve refletir a co-presença num falante ou numa comunidade de fala de gramáticas mutuamente incompatíveis. Essa não é uma questão empírica, mas uma questão de definição do conceito de parâmetro dentro da teoria. Recentemente, Kroch e seus colaboradores (cf. referências acima) descobriram evidência para essa consequência de pressupostos gerativistas. Eles mostraram, em vários estudos de caso, que a taxa de mudança em diferentes contextos superficiais que refletem uma única mudança paramétrica era a mesma. Esse resultado, conhecido como o Efeito da Taxa Constante (Constant Rate Effect), é o que se espera se um único parâmetro gramatical está envolvido na mudança e a mistura de dois parâmetros opostos está mudando lentamente através do tempo numa dada comunidade de fala. O efeito é mais facilmente ilustrado no caso do surgimento do auxiliar *do*. Aqui nos limitaremos ao período compreendido entre o início do século XV e meados do século XVI, a fim de evitar complicações introduzidas pelas reanálises que ocorrem num período mais tardio (veja Kroch (1989b) para uma discussão mais ampla). Quando estimamos a taxa de mudança no uso de *do* para as curvas na Figura 1¹⁷, o valor é o mesmo para todas as curvas. Esse resultado contraria o que a maioria dos estudantes, não gerativistas, de variação quantitativa esperam. A explicação mais clara de tal discussão do problema deve-se a Bailey (1973), que afirma especificamente que a taxa de mudança deveria variar em cada contexto, um resultado que não se concilia facilmente com os pressupostos gerativistas. O fator quantitativo mais preponderante da história do *do*, entretanto, não é um fato sobre o uso do auxiliar em si. Ellegård também apresenta dados sobre a colocação do advérbio temporal *never* (nunca) com relação ao verbo flexionado que fortalecem consideravelmente o caso de uma estreita relação entre a taxa de mudança sintática em diferentes contextos e a natureza da mudança gramatical subjacente. Como notamos acima, numa sentença do Inglês Médio com somente um verbo, a posição canônica para *never* era imediatamente pós-verbal. O exemplo (3), repetido aqui como (30), ilustra esse ponto:

- (30) Quene Ester looked never with swich an eye.
rainha Ester olhou nunca com tal um olho
“A rainha Ester nunca olhou com tal olho.”

¹⁷ A técnica usada para essa estimativa é a regressão logística, a técnica estatística mais apropriada para dados de frequência desse tipo (ALTMANN et al. 1983; ALDRICH; NELSON, 1984).

Uma vez que a ordem do verbo e do advérbio em (30) reflete o movimento V-para-I, esperamos que essa ordem desapareça quando o movimento é perdido, dando lugar para a colocação pré-verbal do advérbio. E isso é de fato o que ocorre, uma vez que o Inglês moderno permite (31a) mas não (31b)

(31) a. Jean never reads this newspaper.

Jean nunca lê esse jornal

b. *Jean reads never this newspaper.

Jean lê nunca esse jornal

“Jean nunca lê esse jornal.”

Voltando aos dados quantitativos de Ellegård, encontramos que a taxa com que a ordem advérbio-verbo substitui a ordem verbo-advérbio é a mesma que a do aumento no uso do auxiliar *do*, o que sustenta a ideia de que uma única mudança paramétrica está subjacente a todos os contextos superficiais e que a sua progressão é observável no modo como as frequências de uso mudam ao longo do tempo.

O Efeito da Taxa Constante liga uma mudança paramétrica à competição de gramáticas, mas coloca em cena um elemento quantitativo que inevitavelmente adiciona um elemento não-gramatical ao estudo da diacronia. Nada no sistema gramatical que passa por mudança dá conta da taxa de mudança ou do fato de que a mudança realmente é concluída ao invés de estacionar ou até mesmo se reverter¹⁸. Por que as mudanças se espalham do modo que se espalham é algo pouco compreendido, apesar de modelos desse processo terem sido propostos. Niyogi e Berwick (1997) apresentam um modelo de sistemas dinâmicos sob os quais as crianças nem sempre convergem para a gramática alvo da língua a que elas estão expostas. Quando, como nos casos discutidos acima, a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca o bastante, alguns aprendizes, devido a fatores aleatórios, não vão ser expostos a dados suficientes para fixar o parâmetro corretamente. O resultado será uma população mista na qual alguns falantes têm a fixação paramétrica antiga e outros, a nova. Nessa população mista, a próxima geração de aprendizes será, em média, menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro da forma antiga. N&B mostram como tal população se expande sob um leque de pressupostos sobre a natureza e distribuição da evidência linguística. Em muitos casos, a população vai mudar da gramática original para a nova ao longo de uma trajetória com uma curva em

¹⁸ Susan Garrett, num estudo não publicado, descreve uma reversão na história da negação em Espanhol. No início do século XIII, o uso de pronomes indefinidos neutros (alguno, etc.) se torna possível em contextos de concordância negativa, no lugar de palavras negativas (ninguno, etc.). Então, entre 1200 e 1600 há um aumento modesto, porém constante, no seu uso. Depois de 1600, esse uso diminui novamente até que na língua moderna não é mais possível.

“S”. Entretanto, uma dificuldade com o modelo de N&B, além do seu caráter hipotético, é que ele presume que os conjuntos de parâmetros em competição estão localizados em falantes diferentes, de modo que o elemento quantitativo na mudança sintática está localizado na população e não no indivíduo. No entanto, os dados de estudos empíricos que revelam a natureza gradual da mudança não são consistentes com o modelo de N&B nesse sentido. Pelo contrário, em todos os estudos que citamos, a variação no uso que reflete diferentes fixações paramétricas é encontrada nos textos. De fato, os textos de um mesmo período mais se parecem do que se diferenciam nas frequências das variantes em competição. Para modelar essa variação, é necessário permitir a diglossia sintática entre os autores individualmente como uma situação normal durante o período de mudança. Mais uma vez, essa conclusão é uma consequência lógica dos pressupostos gerais da teoria gerativa no que concerne à natureza categorial dos parâmetros gramaticais. Além disso, é necessário permitir uma descrição dos falantes individuais sob a qual eles têm a propensão para escolher entre suas gramáticas diglósicas numa taxa média característica. Essa taxa, além do mais, parece caracterizar comunidades de fala inteiras, e é isso que muda ao longo do tempo enquanto uma das gramáticas lentamente substitui a outra. Esse modo de pensar sobre mudança é, obviamente, muito corriqueiro na sociolinguística, mas os gerativistas geralmente fazem objeção a ele. Não há dúvida, porém, que os seres humanos, como outros animais, rastreiam as frequências dos eventos no seu ambiente, incluindo a frequência de eventos linguísticos. Uma confusão sobre esse assunto surgiu porque a sociolinguística propõe que as probabilidades de uso devam ser integradas às gramáticas, uma proposta que não é consistente com o paradigma gerativo. Entretanto, não é necessário dar esse último passo a fim de relacionar a variação no uso pelos indivíduos com a mudança sintática. Uma vez que uma comunidade se torna diglósica com relação a uma dada fixação paramétrica, todo falante vai aprender ambos os parâmetros. A escolha de qual critério de boa-formação deve ser aplicado na produção de uma dada instância de fala recai no domínio da performance e, portanto, não é uma questão para a teoria gramatical. Obviamente, uma questão importante para a aquisição da linguagem é como os aprendizes adquirem uma competência diglósica, mas não há dúvida que eles a adquiram. Não é surpreendente que os membros de uma comunidade devem convergir mais ou menos na mesma frequência de uso de um conjunto de variantes disponíveis, tampouco que essa frequência deva variar ao longo do tempo.

A questão mais importante levantada pela diglossia sintática dos textos no decurso da mudança linguística é o porquê de ela ser instável. Existe alguma razão para pensar que o bilinguismo em geral deva ser linguisticamente instável, uma vez que até mesmo bilíngues aparentemente equilibrados mostram evidência de uma língua dominante sob condições experimentais (CUTLER, 1992). Em outras palavras, mesmo quando as crianças adquirem duas línguas desde bem cedo, aquela aprendida primeiro ou mais profundamente parece controlar certos traços de processamento linguístico, o que pode induzir

a uma tendência a preferir aquela língua em uso, o restante das variáveis sendo iguais. Se esse fosse o caso, então poderíamos esperar ver uma transição ao longo do tempo em favor da verdadeira língua “nativa” de uma comunidade em casos de diglossia sintática. Obviamente, esse modelo depende de uma das variantes diglósicas ser mais nativa do que a outra. Isso seria verdade se, por exemplo, ela fosse a variante nativa para um número maior de falantes. Seria verdadeiro também se as variantes se diferenciavam no registro social. Se uma das variantes pertencesse ao vernáculo (ou seja, a língua adquirida na infância), enquanto a outra pertencesse a uma língua de prestígio superposta adquirida um pouco mais tarde na vida, então a assimetria necessária seria estabelecida. Esse cenário parece particularmente provável para os tipos de mudança sobre os quais os historiadores linguísticos têm dados. Estamos limitados à língua escrita, geralmente de sociedades com uma baixa taxa de letramento e distinções sociais bem definidas em matéria de língua. Nessas circunstâncias, seria o caso de as formas em competição em diglossia sintática representarem uma oposição entre um vernáculo inovador e uma língua literária conservadora. Já que a primeira teria uma vantagem tanto psicolinguística quanto numérica, ela deveria vencer ao longo do tempo, inclusive em textos escritos. Sob esse modelo, a graduação encontrada em textos pode não refletir qualquer mecanismo básico de mudança linguística, mas sim o bilinguismo psico e sociolinguístico. A mudança real (abrupta) na fixação de parâmetro teria ocorrido no vernáculo sem ser observada e somente sua competição com o uso escolarizado conservador seria acessível para ser estudado nos textos.

Em alguns estudos quantitativos de mudança, há evidência empírica de diglossia baseada em registro por trás da evolução das frequências. O caso mais claro que conhecemos é descrito num trabalho de Shi (1988, 1989) sobre o aparecimento do *le* marcador de aspecto perfectivo em Chinês. Um resumo da discussão feita por Shi é apresentado a seguir. O marcador *le* não existia no Chinês clássico, mas é onipresente na língua moderna. Pesquisadores há muito tempo notaram que esse marcador evoluiu de um verbo clássico *liao* (“terminar”). Shi mostra que isso aconteceu em vários passos. Primeiramente, *liao* começou a ocorrer com sujeitos sentenciais, mas sem qualquer mudança clara de significado, como em (32):

- (32) [[junguan shi] liao] [(7a) em Shi]
exército come terminado
“Depois de a refeição do exército ter terminado...”

A seguir, ele perdeu sua semântica de verbo principal, se tornando um verbo leve aspectual (o dito complemento de fase) na construção resultativa. Neste ponto, ele perdeu acento de palavra e mudou sua pronúncia. Esse estágio é observável em textos do século X. Em seguida, o novo *le* se incorporou ao verbo que o acompanha, de modo que aparecia antes do objeto direto numa sentença transitiva, como ilustrado em (33):

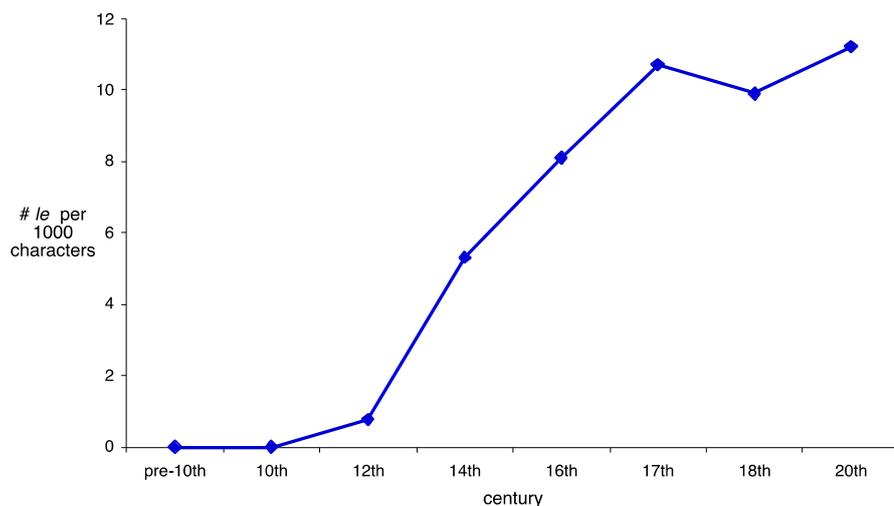
- (33) mei shi bu ken xiawen, huai-le yi sheng [(11a) de Shi]
cada coisa não FUT perguntar arruinar-le uma vida
“Se você não pergunta sobre as coisas, você vai perder uma vida inteira.”

Nesse ponto, no século XII, *le* havia se tornado um marcador aspectual. Ele estava em competição com dois outros marcadores aspectuais *de* (de um verbo que significa “ganhar”) e *que* (de um verbo que significa “perder”), que aparecia em exemplos como (34) e (35):

- (34) Zixu zhuo-de Weiling [(12a) de Shi]
Zixu capturar-*de* Weiling
“Zixu capturou Weiling.”
- (35) sun-que wushi yu ren [(13a) de Shi]
sofrer-*que* cinquenta por volta de homem
“Eles perderam por volta de cinquenta homens.”

Os dois marcadores eram ambos perfectivos, mas se especializaram em estados finais positivos e negativos de uma ação concluída, como os exemplos ilustram. O aspectual *le* substituiu esses dois marcadores, primeiro o *que* e em seguida o *de*, e, por volta do século XIV, ele era o único marcador de aspecto perfectivo. Nesse ponto, a mudança gramatical já havia terminado. Os dados quantitativos de Shi, entretanto, mostram que a frequência de *le* nos textos continuou a crescer até o presente. A Figura 2, baseada em aproximadamente 2700 instâncias de *le*, foi retirada do artigo de Shi:

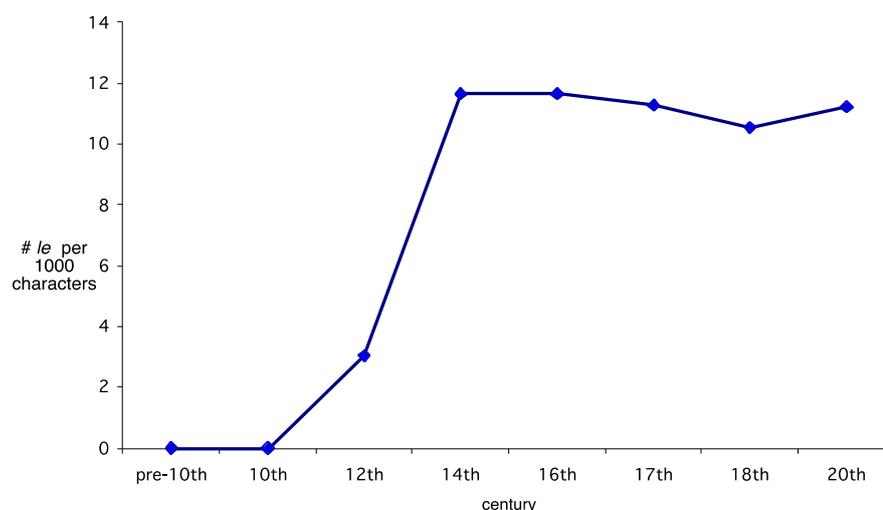
Figura 2 – Frequência de *le* por 1000 caracteres de texto (Shi 1989).



Fonte: Kroch (2001).

Shi levanta a questão do porquê a frequência de *le* continuar a crescer por 600 anos depois de a mudança gramatical que introduziu e espalhou essa partícula ter terminado e dá a seguinte resposta: o Chinês escrito no século X era diglótico, usando elementos tanto da língua clássica como do vernáculo. A língua clássica não tinha o marcador aspectual *le*, que surgiu no curso da evolução do vernáculo. Além disso, parece que os verbos clássicos nunca co-ocorrem com o *le* em textos mistos. Em consequência, o surgimento de *le* depois do século XIV reflete não uma mudança gramatical contínua, mas um uso crescente do vernáculo em documentos escritos. Shi comprova esse ponto construindo uma estimativa do volume de língua clássica nos textos, usando a partícula interjectiva *ye* como um indicador de língua clássica. Ao longo do tempo, a frequência de *ye* cai, indicando o declínio no uso clássico. Quando a frequência de *ye* nos textos é usada para corrigir o grau de mistura clássica, a evolução da frequência de *le* ao longo do tempo muda dramaticamente de caráter, como pode ser visto na Figura 3:

Figura 3 – Frequência de *le* por 1000 caracteres vernáculos de texto (Shi 1989).



Fonte: Kroch (2001).

A figura 3 mostra claramente que não ocorre mudança no uso de *le* no vernáculo depois do século XIV. Tudo da mudança aparente se deve a uma mudança contínua na mistura diglótica geral em favor do uso crescente do vernáculo. Não sabemos até que ponto esse caso do Chinês é representativo da mudança nas frequências textuais em geral, mas sua existência nos alerta contra assumir que a mudança nas frequências textuais tem significância linguística ao invés de sociolinguística.

Dada a forte possibilidade de os dados dos textos não fornecerem evidência para o processo de mudança linguística no vernáculo, é realmente necessário o estudo das inovações sintáticas em línguas vivas, usando métodos sociolinguísticos para observar a fala espontânea. Tais estudos não existem no momento, em parte porque a mudança sintática é relativamente rara e difícil de se capturar. Na sua falta, podemos construir modelos abstratos de mudança no estilo de Niyogi e Berwick (1997) ou cenários mais concretos, como o cenário de C&R da evidência em declínio para a perda de V2 no Francês ou o nosso cenário de contato dialetal para a perda de V2 no Inglês Médio (veja acima). Essas são hipóteses úteis, sem dúvida, mas, a menos que elas possam mais tarde ser especificadas para fazer previsões empiricamente testáveis, permanecerão especulativas. Encontrar uma forma de derivar tais previsões é uma importante tarefa para o futuro da sintaxe diacrônica.

Conclusão

Weinreich, Labov e Herzog (1968) dividem o problema da mudança em cinco subproblemas relacionados: implementação, condicionamentos, transição, encaixamento e avaliação. O problema da implementação diz respeito a por que uma mudança num determinado traço estrutural ocorre, quando ocorre numa língua específica e a por que a mudança pode não ocorrer em outras línguas que compartilham o mesmo traço. O problema do condicionamento é o problema de quais mudanças são possíveis para uma língua num dado estado. O problema da transição é o problema de como uma língua muda de um estado anterior para um estado subsequente. Os problemas do encaixamento e da avaliação são aqueles de como uma mudança está relacionada a outros fatores da língua na qual ela ocorre e qual efeito ela tem sobre esses outros traços.

No estudo da mudança sintática dentro da tradição gerativa, esses problemas permanecem fundamentais. Eles recebem uma formulação um tanto diferente do que no trabalho original, no entanto, por causa da ênfase que a teoria gerativa coloca na Gramática Universal e na aquisição da linguagem. Essa nova formulação dá respostas parciais para alguns dos problemas, mas, mais importante, ela os aprimora e põe em foco determinadas dificuldades. Considere-se, primeiramente, o problema da implementação, que WLH consideram o âmago da questão. Como observamos, visto que a aquisição de uma língua é limitada ao período crítico dos primeiros anos da infância e que as crianças adquirem a língua dos seus pais com precisão, são ambas pressuposições substantivas, a teoria gerativa deve colocar a mudança sintática fora da cadeia usual de transmissão de gramática.

O problema dos condicionamentos, do ponto de vista gerativo, é, em parte, somente o problema dos limites que a Gramática Universal coloca para a variação linguística. Já que as crianças aprendem qualquer língua a qual estão expostas, não existem condicionamentos gramaticais, além daqueles embutidos na Gramática Universal, sobre possíveis mudanças. Isso levanta a questão de por que, sob circunstâncias normais, as línguas não passam por reorganizações catastróficas. O problema da transição se torna a questão de como as mudanças nas gramáticas dos indivíduos se propagam pela comunidade. Surge, pois, a questão da gradualidade da mudança e como dar conta dela; e parece que as perspectivas gramatical e sociolinguística podem dialogar sobre esse problema com sucesso.

Finalmente, os problemas do encaixamento e da avaliação recebem uma resposta bem específica em termos da sintaxe gerativa: visto que as diferenças entre as gramáticas de línguas específicas são limitadas a diferentes escolhas das fixações de um número finito de parâmetros sintáticos universais, os traços sintáticos da língua sujeitos à mudança são independentes uns dos outros. A questão que aqui se levanta é o que fazer com as mudanças que parecem estar correlacionadas umas com as outras, mas não estão ligadas gramaticalmente, como a mudança dos modais em Inglês em direção a uma especialização como auxiliares. Apesar de nenhum dos problemas apresentados por WLH ter sido resolvido de modo definitivo em consequência do trabalho em sintaxe diacrônica pelos gerativistas, esse trabalho teve sucesso ao criar um campo vivo com problemas bem apresentados na sua agenda e uma dialética proveitosa entre os conceitos teóricos e as descobertas empíricas.

Referências

- ADAMS, Marianne Patalino. *Old French, null subjects and verb second phenomena*. PhD thesis, University of California, Los Angeles, 1987.
- AITCHISON, Jean. The order of word order change. *Transactions of the Philological Society*, n. 77, p. 43-65, 1979.
- ALDRICH, J. and NELSON, F. *Linear probability, logit, and probit models*. London: Sage, 1984.
- ALTMANN, Gabriel; VON BUTTLAR, Haro; ROTT, Walter; STRAUß, Udo. A law of change in language. In: BRAINERD, Barron (Ed.). *Historical linguistics*. Bochum: Studienverlag Dr. N. Brockmeyer, 1983. p. 104-115.
- ANDERSEN, Henning. Abductive and deductive change. *Language*, n. 49, p. 765-793, 1973.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London: Edward Arnold, 1987.

- BAILEY, Charles-James N. *Variation and linguistic theory*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1973.
- CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
- CLARK, Robin. The selection of syntactic knowledge. *Language Acquisition*, n. 2, p. 85-149, 1992.
- CLARK, Robin.; ROBERTS, Ian. A computational model of language learnability and language change. *Linguistic Inquiry*, n. 24, p. 299-345. 1993.
- CUTLER, Anne; MEHLER, Jacques; NORRIS, Dennis; SEGUI, Juan. The monolingual nature of speech segmentation by bilinguals. *Cognitive Psychology*, n. 24, p. 381-410. 1992.
- ELLEGARD, Alvar. *The auxiliary do: the establishment and regulation of its use in English*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1953.
- FONTAINE, Carmen. *Application de méthodes quantitatives en diachronie: l'inversion du sujet en français*. Master's thesis, Université du Québec à Montréal. 1985.
- FONTANA, Josep M. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish*. PhD thesis, University of Pennsylvania. 1993.
- GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: Greenberg, J. H. (ed.) *Universals of language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1966. p. 73-113.
- GUMPERZ, John; WILSON, Robert. Convergence and creolization. A case from the Indo-Aryan/Dravidian border in India. In: HYMES, D. (ed.) *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 151-167.
- HAWKINS, John A. Implicational universals as predictors of word order change. *Language*, n. 55, p. 618-648. 1979.
- HAWKINS, John A. *Word order universals*. New York: Academic Press, 1983.
- JESPERSEN, Otto. *The growth and structure of the English language*. Garden City, NY: Doubleday, 1938.
- JOSEPH, Brian D. *The synchrony and diachrony of the Balkan infinitive. A study in areal, general, and historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KAYNE, Richard S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- KEMENADE, Ans van. *Syntactic case and morphological case in the history of English*. Dordrecht: Foris, 1987.
- KIPARSKY, Paul. The shift to head-initial VP in Germanic. In: EPSTEIN, Samuel David; THRÁINSSON, Höskuldur; PETER, Steve. (Ed.). *Studies in Comparative Germanic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1996. v. 2, p. 140-179.
- KROCH, Anthony. The loss of the verb-second constraint in Middle English and Middle French. Paper presented at the 9th Annual Meeting of the Association Québécoise de Linguistique, Montréal, Québec, 1989a.

- KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, n. 1, p. 199-244. 1989b.
- KROCH, Anthony; TAYLOR, Ann. (Ed.). *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English*. Philadelphia: Department of Linguistics, University of Pennsylvania. Available by anonymous ftp from babel.ling.upenn.edu. 1994.
- KROCH, Anthony.; TAYLOR, Ann. Verb movement in Old and Middle English: Dialect variation and language contact. In: KEMENADE, Ans van; VINCENT, Nigel (Ed.). *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 297-325.
- KROCH, Anthony; TAYLOR, Ann. Dialect differences in the grammar of the XV/VX alternation in Middle English. To appear in the proceedings of the 5th Diachronic Generative Syntax Conference, York. 1998.
- KROCH, Anthony; TAYLOR, Ann.; RINGE, Donald. The Middle English verb-second constraint: A case study in language contact and language change. In: HERRING, Susan C.; REENEN, Pieter van; SCHØSLER, Lene (Ed.). *Textual parameters in older language*. Philadelphia: John Benjamins, 1997.
- KUNO, Susumu. The position of relative clauses and conjunctions. *Linguistic Inquiry*, v. 5, p. 117-136, 1974.
- LIGHTFOOT, David W. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- LIGHTFOOT, David W. *How to set parameters: Arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- LIGHTFOOT, David W. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999.
- MCMAHON, April M. S. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- NADKARNI, Mangesh V. Bilingualism and syntactic change in Konkani. *Language*, n. 51, p. 672-683. 1975.
- NIYOGI, Partha; BERWICK, Robert C. Evolutionary consequences of language learning. *Linguistics and Philosophy*, n. 20, p. 697-719. 1997.
- PINTZUK, Susan. *Phrase structures in competition: Variation and change in Old English word order*. PhD thesis, University of Pennsylvania. 1991.
- PINTZUK, Susan. Verb seconding in Old English: Verb movement to Infl. *The Linguistic Review*, n. 10, p. 5-35. 1993.
- PINTZUK, Susan. Phrase structure variation in Old English. *Language Variation and Change*, n. 7, p.152-167. 1995.
- PLANCK, Frans. The modals story retold. *Studies in Language*, n. 8, p. 305-364. 1984.

PLATZACK, Christer. The loss of verb second in English and French. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian G. (Ed.). *Language change and verbal systems*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 200-226.

PULLUM, Geoffrey; WILSON, Deirdre. Autonomous syntax and the analysis of auxiliaries. *Language*, n. 53, p. 741-788. 1977.

ROBERTS, Ian G. Agreement parameters and the development of the English modal auxiliaries. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 3, p. 21-58. 1985.

ROBERTS, Ian G. *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

SANTORINI, Beatrice Elizabeth. *The generalization of the verb-second constraint in the history of Yiddish*. PhD thesis, University of Pennsylvania. 1989.

SANTORINI, Beatrice Elizabeth. The rate of phrase structure change in the history of Yiddish. *Language Variation and Change*, n. 5, p. 257-283. 1993.

SHI, Ziqiang. *The present and the past of the particle le in Mandarin Chinese*. PhD thesis, University of Pennsylvania. 1988.

SHI, Ziqiang. The grammaticalization of the particle le in Mandarin Chinese. *Language Variation and Change*, n. 1, p. 99-114. 1989.

STOCKWELL, Robert P. Motivations for exbraciation in Old English. In: LI, Charles N. (Ed.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin, TX: University of Texas Press, 1977. p. 291-314.

TAYLOR, Ann. The change from SOV to SVO in Ancient Greek. *Language Variation and Change*, n. 6, p. 1-37. 1994.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley, CA: University of California Press, 1988.

URIEL, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (Ed.). *Directions for historical linguistics, a symposium*. Austin, TX: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

VINCENT, Nigel. Perceptual factors in word order change in Latin. In: HARRIS, Martin (Ed.). *Romance syntax*. Salford, UK: University of Salford, 1976. p. 54-68.

WARNER, Anthony. Review of D. Lightfoot, principles of diachronic syntax. *Journal of Linguistics*, n. 19, p. 187-209. 1983.

WARNER, Anthony. *English auxiliaries, structure and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

